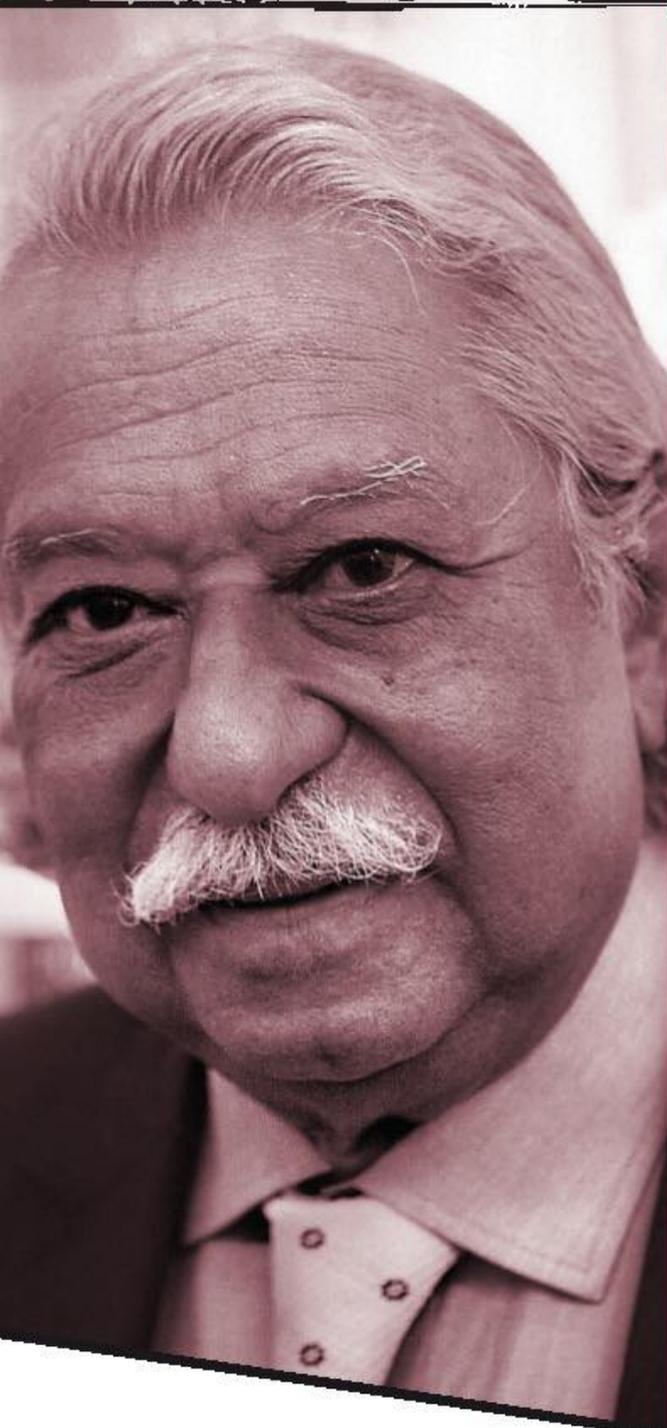


VÉRTICE

Revista trimestral Julho-Agosto-Setembro / 2019 Preço: 8,50€ (inclui IVA) II Série



EM QUESTÃO

EVERTON V. MACHADO

Podem chamar-lhe Orlando

MÁRIO DE CARVALHO

O brâmane

EUFEMIANO DE JESUS MIRANDA

**«Os meus avós brâmanes podem orgulhar-se disso»
– Uma entrevista a Orlando da Costa pouco conhecida**

DANIELA SPINA

**Indianidade e indianização da criação literária
num texto crítico de Orlando da Costa**

MARIA ALZIRA SEIXO

**A ficção de Orlando da Costa:
inscrições narrativas da terra e do humano**

HÉLDER GARMES

**Colonialismo e conflito cultural em
O Signo da Ira de Orlando da Costa**

JOSÉ MANUEL MENDES

Orlando da Costa, decisivo

FILOMENA GOMES RODRIGUES

**Sem Flores Nem Coroas:
Reflexões sobre a peça de teatro de Orlando da Costa**

ORLANDO DA COSTA

«A como estão os cravos hoje?»

Prefácios e posfácios às obras de Orlando da Costa de Orlando da Costa, Maria Lúcia Lepecki, Alexandre Pinheiro Torres, Luiz Francisco Rebello, Gonçalo M. Tavares, Rosa Maria Perez e Ana Margarida de Carvalho

EM MOVIMENTO

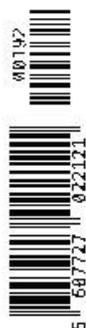
ALBANO NUNES

Apresentação de A China É Capitalista?

MANUEL PIRES DA ROCHA

Apresentação de Em Torno de Lopes-Graça

192



Em Questão

- 7 **Everton V. Machado**
Podem chamar-lhe Orlando
- 14 **Mário de Carvalho**
O brâmane
- 19 **Eufemiano de Jesus Miranda**
«Os meus avós brâmanes podem orgulhar-se disso»
– Uma entrevista a Orlando da Costa pouco conhecida
- 25 **Daniela Spina**
Indianidade e indianização da criação literária num texto crítico de Orlando da Costa
- 36 **Maria Alzira Seixo**
A ficção de Orlando da Costa: inscrições narrativas da terra e do humano
- 48 **Hélder Garmes**
Colonialismo e conflito cultural em *O Signo da Ira* de Orlando da Costa
- 62 **José Manuel Mendes**
Orlando da Costa, decisivo
- 67 **Filomena Gomes Rodrigues**
Sem Flores Nem Coroas: Reflexões sobre a peça de teatro de Orlando da Costa
- 81 **Orlando da Costa**
«A como estão os cravos hoje?»
- 91 **Orlando da Costa**
Posfácio a *Podem Chamar-me Eurídice...*
- 93 **Maria Lúcia Lepecki**
As fronteiras da voz
- 102 **Alexandre Pinheiro Torres**
Os imprescindíveis nexos «mito-realidade» e «morte-transfiguração» num notável romance do *underground* antifascista português
- 110 **Luiz Francisco Rebello**
Prefácio a *Sem Flores nem Coroas*
- 112 **Gonçalo M. Tavares**
Humanização, natureza e encontro em *O Signo da Ira* de Orlando da Costa

117 **Rosa Maria Perez**
Posfácio a *O Signo da Ira*

122 **Ana Margarida de Carvalho**
A coreografia de um resgate

Em Movimento

129 **Albano Nunes**
Apresentação de *A China É Capitalista?*

136 **Manuel Pires da Rocha**
Apresentação de *Em Torno de Lopes-Graça*

Editorial

1. Dedicamos este número da *Vértice* ao escritor Orlando da Costa, que faria, se ainda estivesse entre nós, 90 anos em 2019. Mais do que um número de homenagem – ainda que fosse merecida –, estas páginas trazem à tona a muito ampla riqueza da sua obra e da dimensão ímpar da sua personalidade. A leitura do texto de Everton V. Machado servirá ao leitor de introdução a este *Em Questão*, o que facilita os trabalhos a que este editorial se obriga. Destacamos, por isso, para lá dos textos de todos aqueles que colaboraram neste número, os vários prefácios e posfácios às obras de Orlando da Costa. São textos de alguns dos melhores escritores e críticos – Maria Lúcia Lepecki, Alexandre Pinheiro Torres, Luiz Francisco Rebello, Gonçalo M. Tavares, Rosa Maria Perez, Ana Margarida de Carvalho –, e cujas opiniões, de valor inegável, dão ainda maior justeza ao reconhecimento da importância única da obra de Orlando da Costa – em romance, poesia e teatro.

2. Orlando da Costa, na sua actividade cultural, cidadã e militante, não foi um intenso colaborador da *Vértice*. Algumas entrevistas, depoimentos, evocações e excertos, num total de onze artigos. Ainda assim, publicamos novamente um dos quadros da peça de teatro «A como estão os cravos hoje?», que tinha saído no número 458-459 da I Série, que assinalava à altura o décimo aniversário da Revolução de Abril com textos literários de 16 autores (entre eles Mário de Carvalho e José Manuel Mendes, que colaboram neste número). Hoje, passados 45 anos sobre a Revolução, e tendo sido Orlando da Costa um seu construtor, continuaremos erguendo esses «cravos vermelhos à luz do dia».

Colaboram neste número

Everton V. Machado, professor universitário

Mário de Carvalho, escritor

Eufemiano de Jesus Miranda, investigador

Daniela Spina, investigadora

Maria Alzira Seixo, professora universitária

Hélder Garmes, professor universitário

José Manuel Mendes, escritor

Filomena Gomes Rodrigues, investigadora

Director Francisco Melo **Chefe de Redacção** Rui Mota Lopes **Capa** Henrique Cayatte
Arranjo gráfico oficina grotesca **Revisão** Página a Página – Divulgação do Livro, SA
Redacção e Edição Campo Grande, 220A / 1700-094 Lisboa
Telefone 218 161 760 **Fax** 218 161 769 **E-Mail** revistas@paginaapagina.pt **Sítio** www.paginaapagina.pt

ISSN 0042-4447 **Depósito legal** 20 279/88 **Capital social** 250.000€ **NIPC** 504929909

Propriedade e Administração Página a Página – Divulgação do Livro, SA

Inscrita na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o número de registo n.º 100101

Conselho de Administração Fernando Teixeira Pereira; Francisco José Névoa de Melo; Rui Martins da Mota Tavares Lopes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa** José Élio Sucena 46%; Francisco José Névoa de Melo 24%; José Pedro Soares 24%

Composição Página a Página – Divulgação do Livro, SA **Distribuição** VASP – Distribuidora de Publicações, Lda.

Impressão DPS – Digital Printing Services, Lda. Quinta do Grajal – Venda Seca / 2739-511 Agualva-Cacém

Assinaturas

Página a Página – Divulgação do Livro, SA. Campo Grande, 220A / 1700-094 Lisboa

Telefone 218 161 760 **Fax** 218 161 769 **E-Mail** assinaturas@paginaapagina.pt

Os cheques serão remetidos à ordem de Página a Página – Divulgação do Livro, SA

Tabela de assinaturas 1 ano: 4 números, com IVA e portes incluídos

Continente e Ilhas **Europa** **Resto do Mundo**

29,00€ (individual)

40,50€

52,50€

34,00€ (entidades colectivas)

Coordenador editorial

Manuel Gusmão

Conselho de Redacção

António A. da Costa, Fernando Correia, Fernando Guerreiro, Francisco Silva, Francisco Melo, Gisela da Conceição, Inês Zuber, Joana Dias Pereira, Manuel Gusmão, Maria Helena Seródio, Pedro Maia, Pedro Pina, Rui Mota Lopes, Rui Namorado Rosa, Silvestre Lacerda.

Estatuto editorial disponível em

www.paginaapagina.pt/vertice-estatuto.html

Conselho Editorial

Álvaro Salazar, António Avelãs Nunes, António Borges Coelho, António Quadro Ferreira, Carlos Ribeiro, Carlos Santarém Andrade, Claudina Marques Rodrigues, Eduardo Paiva Raposo, Elói Rodrigues, Fernando António Baptista Pereira, Franklin Pereira, Frederico Carvalho, Guilherme Arroz, Helder Coelho, João Caraça, João Ferreira Duarte, João Gouveia Monteiro, João Sousa Lopes, José Barata-Moura, José Manuel Mendes, José Oliveira Barata, José Orta, Luís Guerreiro, Luís Moniz Pereira, Luís Reis Torgal, Manuel Augusto Araújo, Margarida Pino, Maria Helena Mira Mateus, Maria de Lourdes Maciel Correia, Mário Vieira de Carvalho, Salvato Teles de Menezes, Sérgio Ribeiro, Severo de Melo.

AOS COLABORADORES

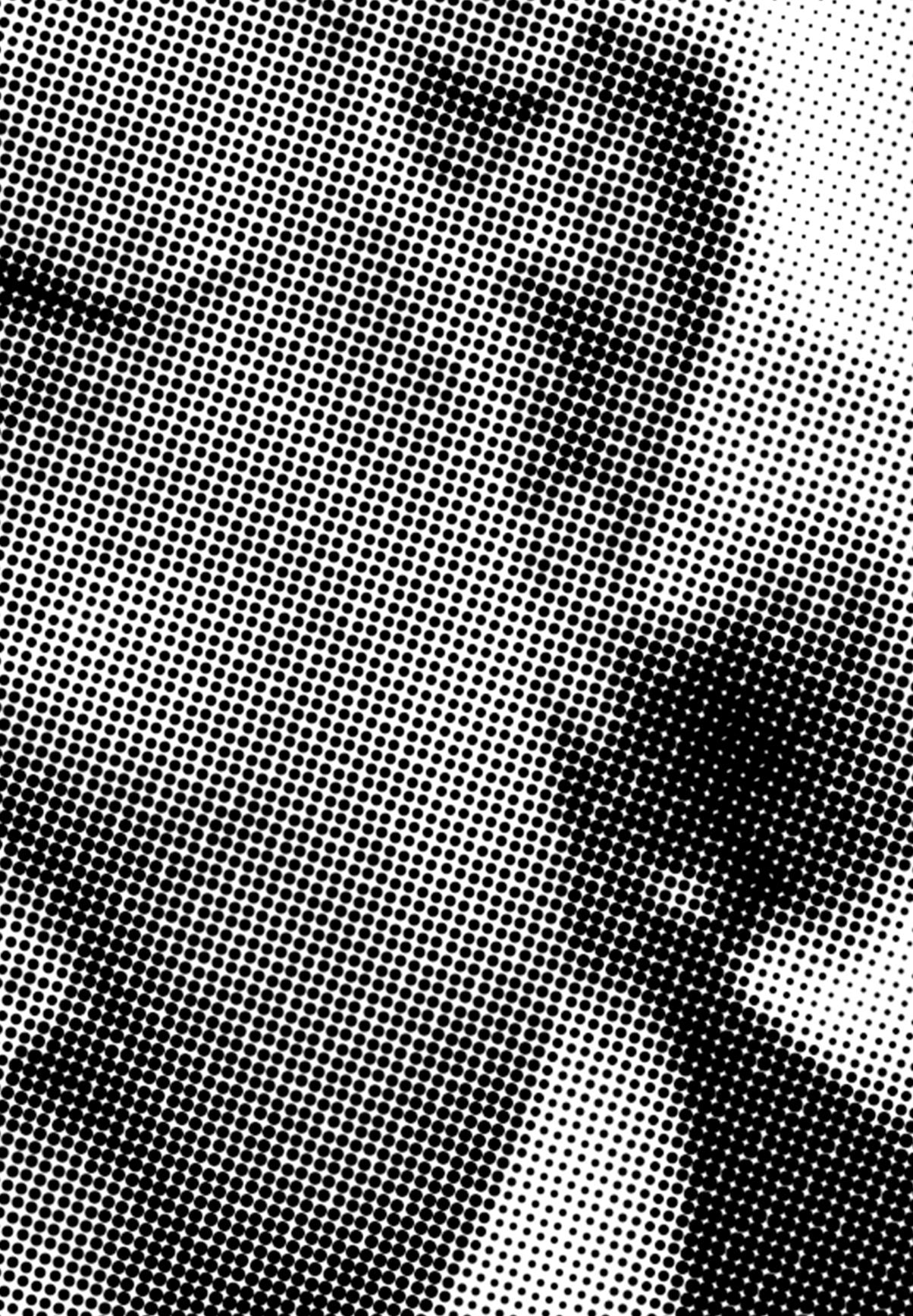
- Os originais destinados a publicação deverão ser dactilografados a dois espaços.
- As eventuais notas deverão ser numeradas progressivamente e agrupadas no fim do texto. As citações bibliográficas incluirão no mínimo, o nome do autor, título e data de publicação.
- Entende-se como recomendável que os autores subdividam os textos com subtítulos ou números.
- Cada estudo ou ensaio deverá ser acompanhado de um resumo de 5/8 linhas dactilografadas, de algumas frases para, eventualmente, serem destacadas do texto (uma por cinco páginas dactilografadas), e de uma breve ficha curricular do autor.
- A revista não se responsabiliza pela devolução dos originais, solicitados ou não.
- Os originais aprovados para publicação não poderão a partir desse momento ser sujeitos a alterações significativas.
- A reprodução, em parte ou no todo, de trabalhos publicados pela VÉRTICE só é permitida mediante prévia autorização da direcção da revista.
- Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores.

Atenção

É conveniente que os autores nos enviem os textos por email para **revistas@paginaapagina.pt**.



Em Questão





Everton V. Machado

Podem chamar-lhe Orlando

Podes chamar-me Orlando. Não há cá senhores ou doutores. Ou brâmanes. Heróis do mar? «Quando se interrogou sobre o que poderia ele ter a ver, e os seus companheiros de estudo, com os celebrados ‘Heróis do Mar’ do hino que de pé entoou cem vezes ou mais, não encontrou resposta.» *Ele*: Manú Miranda. Ou Orlando? «Mas a voz embargava-se-lhe involuntariamente, mesmo a meio, sempre que articulava, como que enfeitiçado, a frase ‘entre as brumas da memória’ e, no final, a mesma voz calava-se, mortiça de perplexidade, porque não era capaz de visualizar os ‘canhões’ contra os quais devia ‘marchar!, marchar!’. Nunca chegou a decorar os versos todos.»

Conheci-o por ocasião de uma mesa-redonda onde íamos ambos falar (a minha primeira comunicação académica, mal começara o mestrado), viajávamos então juntos, de carro, desde Lisboa até à Lousã, pernoitando em Castanheira de Pêra, capitaneados por outro antifascista, um dos fundadores da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses e ex-deputado, Kalidás Barreto, filho do também goês (e poeta) Adeodato Barreto. O tema era um tanto esotérico, algo como «a luz do Oriente», estariam também representantes da comunidade islâmica de Portugal e o escritor timorense Luís Cardoso (cujas obras começavam a ficar conhecidas), porém o que realmente nos ia ligar aos dois era a literatura indo-portuguesa, a que o autor de *Podem chamar-me Eurídice...* (1964) afirmava de igual modo pertencer. Em Lisboa, antes de regressar a França (onde eu vivia na altura), houve tempo para um café no apartamento da Lapa e comer gelado com um neto, que fomos buscar à escola.

Depois, sempre generoso na resposta às minhas cartas e ligava-me directamente uma vez ou outra (um jovem estudante brasileiro sem um tostão furado em Paris não se podia dar ao luxo de pagar chamadas internacionais). Certo dia contou que lhe tinham diagnosticado qualquer coisa sem importância. Fora o último telefonema, em breve chocar-me-ia a notícia da sua morte. Eu insistia em perguntar pela «dona» Inácia, a sua segunda mulher, e o brincalhão terminava assim a correspondência: «um abraço também da (dona) Inácia». Deu-se ao trabalho de arranjar com Urbano Tavares Rodrigues

a fotocópia de um livro de que eu precisava para um trabalho de seminário na Sorbonne. Se é verdade, por um lado, que terei convivido pouco (2003-2006) com o escritor de que agora celebramos o nonagésimo aniversário, por outro, fora o suficiente para confirmar e emocionar-me com o testemunho de Mário de Carvalho, que abre este número especial da *Vértice*.

Em 2012, já a viver em Portugal e contando com o apoio de diversos colegas para um colóquio sobre Goa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, achava que era mais do que necessário lembrar a figura humana, literária e política de Orlando da Costa, e assim foi organizada uma sessão à parte, na Casa Fernando Pessoa, para o poeta, romancista e dramaturgo. O convite a Mário de Carvalho tinha-me saído melhor do que a encomenda (o texto que aqui dele se publica, cedido gentilmente, foi apresentado na ocasião). Estavam lá a família de Orlando, antigos companheiros do PCP, escritores e editores e, quando Mário leu a sua belíssima contribuição, foi um *chororô* geral, como se diz no Brasil. O próprio convidado tinha a voz embargada, e confesso que só naquele momento percebi de facto a importância que Orlando teve para tanta gente neste país.

Vai-se ler logo a seguir o testemunho, mas vale a pena reproduzir já um trecho. Note-se que Mário de Carvalho não é da geração de escritores de Orlando. E é difícil recordar Orlando sem recordar o Estado Novo, ele que foi preso pela PIDE e esteve entre os melhores colocados no desgraçado pódio dos escritores portugueses que tiveram as suas obras censuradas pelo regime de Salazar:

[...] durante o fascismo aconteceram a Orlando da Costa, como a outros escritores do seu tempo, perseguições, prisões, tentativas de humilhação. E o pior que pode acontecer a um escritor, enquanto criador e sujeito de cultura. Todos os seus romances foram apreendidos. Ou seja, tudo fizeram para impedir o contacto com os seus leitores. O *Signo da Ira* só foi reposto no mercado depois de ter ganho o prémio Ricardo Malheiros, então altamente prestigiado. Foi graças a ele e a outros que sofreram na sua própria obra a machadada da repressão, graças à dignidade que ele, o Urbano, o meu pai e tantos outros mostraram perante o regime que eu e os autores do meu tempo pudemos escrever tranquilamente os nossos livros sem medo das censuras e das apreensões. Até mais ver. Também isso lhes devo.

Por essas e por outras, podem chamar-lhe Orlando. O «brâmane» do título do testemunho – classe mais alta do sistema hierárquico sócio-religioso hindu que se manteve na comunidade de Goa convertida ao catolicismo, embora preservando nesta apenas o carácter social, endogâmico –, já deu bastante que falar entre os estudiosos de Goa (nos bastidores, pelo menos), em função das notórias convicções sociais e políticas do escritor, mas o caso é que a solução do enigma aparece desde logo no seu primeiro romance, *O Signo da Ira* (1961), que põe o dedo na ferida não apenas do sistema colonial, mas também do problema do latifúndio em Goa, terras nas mãos de *batcarás* que exploravam os lavradores *manducares*. A entrevista que lhe fez o padre goês Eufemiano de Jesus Miranda para a sua tese de doutoramento, em finais dos anos 1980, traz elucidação, pouco ou nada conhecida, creio, da parte do luso-indiano acerca de várias questões. Destaco a última resposta, onde se reconhece por inteiro o Orlando de quem teve o privilégio de o conhecer, a grandeza de uma literatura e uma vida empenhadas:

O orgulho que sinto pelas minhas raízes indianas e o facto de pertencer a uma família de casta tida como superior são realidades que assumo sem problemas. Quanto a isso de ser brâmane, *batcará* de Salcete, não corresponde a qualquer espécie de orgulho. Contento-me com sê-lo de modo crítico. Sou defensor de uma sociedade sem classes (utopia?) e opositor de qualquer código ou prática de castas, que tendem a dividir os homens entre dominados e dominantes, entre integrados e marginalizados, entre explorados e exploradores.

O meu empenhamento pela constituição de uma sociedade socialista que salvaguarde a dignidade plena do homem e da mulher e a justiça social, isto é, que reconheça e faculte a todos iguais direitos no plano económico, político, social e cultural, esse meu empenhamento, dizia, corresponde efectivamente a uma transformação do meu modo de pensar e agir, relativamente às minhas origens sociais. Penso que, ao fazer a minha opção ideológica, dei um importante passo qualitativo, embora não tenha a certeza de ter resolvido completamente a contradição a que se refere.

Mas isso não me preocupa muito. Tenho consciência das minhas limitações e tenho, acima de tudo, tanto respeito pela coerência das minhas ideias como pelas ideias dos outros, desde que sérias e não desumanas. Os meus avós brâmanes podem com todo o aprumo que herdei, a título póstumo, orgulhar-se disso.

A sua experiência de Goa (nascera em Moçambique e vivera em Goa apenas durante a infância e a adolescência, pois chega a Portugal com 18 anos para estudar na Faculdade de Letras) pode ser melhor apreendida em *O Último Olhar de Manú Miranda* (2000), que já foi recomendado para o ensino secundário pelo Plano Nacional de Leitura, e é uma espécie de obra semi-autobiográfica, a julgar pela dedicatória que me escreveu na Lousã: «o meu mais recente romance, que acompanha as minhas vivências de Goa». Talvez se possa entrever a *goanidade* do escritor através do que Daniela Spina nos vai ainda explicar, a respeito do entendimento dele de *indianidade* ou *indianização* na literatura praticada em língua portuguesa no antigo Estado Português da Índia. Criaram-no a este depois da conquista de Goa por Afonso de Albuquerque em 1510, do qual Portugal (Salazar, enfim), como se sabe, teve muita dificuldade em separar-se, em 1961, após Nehru ter perdido a paciência e mandado invadir o território. Britânicos e franceses, quanto às suas possessões, tinham-nas já deixado, respectivamente, nas décadas de 1940 e 1950, pacificamente.

Geralmente, a tradição crítica ocupa-se de Orlando no âmbito do Estado Novo ou do neo-realismo, mas o seu ressurgimento com força na cena académica nos últimos anos deve-se aos investigadores que o lêem sob a óptica dos chamados *Postcolonial Studies* ou dos *Cultural Studies*. Aliás, Hélder Garmes, da Universidade de São Paulo, considera até, como se constata nesta *Vértice*, certa recepção negativa à obra de Orlando como fruto dos «desafios ideológicos que Orlando da Costa enfrentou em meio à comunidade letrada de Portugal e de Goa», para não dizer, tão-simplesmente, de uma visão eurocêntrica.

Digamos, portanto, que Orlando é também *pós-moderno*, não sei se *malgré lui*, embora se mostrasse entusiasmado com batermos-lhe à porta. Arrisquei, certa vez, num ensaio, classificar *O Último Olhar de Manú Miranda* como o *bildungsroman* (romance de aprendizagem) de todo o goês herdeiro da população da Índia a que o império e a inquisição portuguesas não perdoaram o «gentilismo». Não o chegou a ver, e digo isto com um sentimento de culpa, pois a 7 de Janeiro de 2004 – como eu só lhe falasse de *O Signo da Ira* – admoestou-me, e até à sua partida, dois anos depois, não lhe tinha ainda nada enviado: «continuo aguardando a crítica ao *O Último Olhar de Manú Miranda* e também à peça *Sem Flores nem Coroas*, que constituem, até à data, aquilo a que chamo a minha trilogia sobre Goa». Queria pelo menos ter tido tempo para lhe dizer o quanto esse magnífico excerto do romance que publicou na virada do milénio fez a minha própria aprendizagem de Goa:

A verdade [...] é que, para além do mundo que [Manú Miranda] habitava, comum a todos, agora, o *mundo* que o habitava, oculto e sussurrante como uma nascente de águas subterrâneas, alargava-se a outras questões mais adequadas às crescentes marés emocionais e mentais da sua personalidade. Uma personalidade em formação, em busca de algum sentido para as suas raízes familiares e sociais, um emaranhado de folhas verdes e folhas secas presas ao mesmo ramo de uma mesma árvore há muito esquecida, órfã numa selva perdida da vista humana, no sopé da cordilheira do Gates desde os tempos mais antigos em que o deus Brahma terá criado o mundo e o tempo já recuado em que Parsurama lançou o dardo lendário da fertilidade nas terras de Goa, mais tarde cobçadas e invadidas por sucessivos conquistadores. Os Gates! Seria aí que ficava a fronteira entre Krishna e Cristo? Perdia-se na busca do seu passado genuíno e hesitante perante o futuro, sentia-se desprotegido e só, porventura culpado da intolerância da fé e da sua religião, que outrora pusera em fuga irmãos de sangue e de língua, carregando consigo ídolos sagrados, as próprias divindades, e as pedras com que mais tarde o brio dos resistentes e o orgulho dos perseguidos novamente reergueram a sul os seus templos em clareiras protegidas pela ramagem de mangueiras e no sossego suspenso dos altíssimos troncos das arequeiras. Que pensaria o seu amigo Xricanta, quase irmão nascido no mesmo dia e à mesma hora, no sábio recolhimento do seu eremitério?

A professora Maria Alzira Seixo, que também se vai ler no correr destas páginas, sublinha que «o seu derradeiro legado, *O Último Olhar de Manú Miranda*, exhibe um elevado grau de complexidade narrativa-descritiva (em simultâneo) que não tem sido assim tão frequente na ficção portuguesa dos últimos cem anos, e que desde *Podem Chamar-me Eurídice...* se revelara característica da urdidura de ficção deste escritor». O «derradeiro legado» de Orlando mereceu uma reedição não há muito tempo (2013), e parece que, finalmente, vamos poder contar com o regresso da sua produção ao mercado livreiro. Tive a felicidade de estar na Índia aquando do lançamento de *The Sign of Wrath* e *No Flowers, No Wreaths*, em 2017: aproveitou-se a visita oficial do Primeiro-Ministro de Portugal, filho de Orlando. (Imaginava Orlando a rir-se, quando sob a janela do meu hotel, no dia a seguir à recepção na sede do Camões em Pangim, passava a comitiva ao som de «música típica luso-goesa», como a canção brasileira de carnaval *Mamãe, eu quero*, interpretada

com gosto por uma banda sinfónica local.) Far-se-ia todo o sentido hoje, por exemplo, republicar a obra poética reunida em 1979 no volume *Canto Civil*, como a peça *A Como estão os Cravos hoje?*, de 1984: com os tempos que lá vão... O leitor dirá de sua justiça quanto a este «Canto civil», que Fernando Lopes-Graça musicou para as suas *Canções do 25 de Abril* (na verdade, sob o título «Soldado raso» e apenas a segunda parte, sendo o poema completo um exercício de meta-reflexão de Orlando, ambas as partes escritas com um ano de diferença):

*Este é o meu canto civil
canto cívico graduado
desde um tempo antigo que vivi
entre poemas de aço camuflados e algemas de silêncio
Esse era o tempo do assalto às casernas
mas já então eu escrevia o que devia:
a cartilha da guerrilha do amor e da paz
para ser ensinada à luz das lanternas
nas escolas nas igrejas na parada dos quartéis*

*Este é o meu canto civil
canto cívico desfardado
escrito a vinte e oito de Abril
do ano passado à noite
de punho cerrado com alegria e sem espanto
canto para ser cantado de dia
por todos por muitos por mim ou por ninguém:*

*Soldado raso
ao cimo da calçada
em guarda
de flor e farda
a flor que te damos
é pão da madrugada*

*É pão amassado
sem liberdade
é gesto de guerra*

*em nome da paz.
É flor de canção
em terra mar e ar
rubra flor popular
num só cano de espingarda
Soldado raso
em sentido na memória
lembra-te de novo e sempre
a flor que te damos
é da terra é do povo
é pão da madrugada*

(Abril de 1975 / Abril de 1974)

Neste nonagésimo aniversário, a encenadora Fernanda Lapa leva ao palco do São Luiz *Sem Flores nem Coroas* (1971), peça que Filomena Gomes Rodrigues analisa, mas também são reeditados os romances *Podem Chamar-me Eurídice...* e *O Signo da Ira*, devido ao empenho do actual presidente da Associação Portuguesa de Escritores, José Manuel Mendes, que, por sua vez, nos fala justamente da actuação de Orlando nessa histórica agremiação: foi um dos seus sócios fundadores e integrou por mais de uma vez a sua direcção. A presente iniciativa da *Vértice* (de que se reconhece o papel na cultura portuguesa e na luta antifascista) em dedicar um número a Orlando da Costa não é de somenos importância. Considerou-se relevante, para além de convidar colaboradores, reunir apresentações dos seus livros (prefácios, introduções, etc.), para um melhor aprofundamento das temáticas e este número funcionar como uma referência ou ponto de partida para o conhecimento da obra do goês.

Quando, naquela carta, Orlando invocava a sua «trilogia sobre Goa», eu tinha direito a ansiar por mais um livro: «Espero que não fique por aí, mas a minha disposição criativa anda emperrada. Será uma novela (ou romance? mais curto)». *Dev Borem Korum* («Deus te abençoe»), Orlando – sei que não és lá disto (nem eu), mas é o que conheço em concani, e também significa «muito obrigado». ◀